

**Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba - Fronteiras em aberto e o POLO SC**

**GOUDEL, Francine; PEREIRA, Juliana Cristina ;  
MAKOWIECKY, Sandra. Quando a arte não tem  
fronteiras. Arte&Crítica - Jornal da ABCA, São  
Paulo, 02 set. 2019.**

**Francine Goudel  
Juliana Crispe  
Sandra Makowiecky**

**A história da Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba e o POLO SC - O início de tudo e a ABCA: Memórias são importantes para uma história que veio para ficar.**

Anualmente, a ABCA realiza Jornadas de debates com o intuito de reunir importantes críticos de arte e pesquisadores, atuantes no meio artístico e acadêmico, para refletirem sobre problemáticas da área. Com o título *Gestores e críticos: interfaces*, a Jornada ABCA 2016 foi realizada no Museu da Escola Catarinense, em Florianópolis, em uma iniciativa da Regional Sul da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Os objetivos do evento estiveram direcionados à abertura de uma profícua interlocução entre gestores de instituições atuantes no campo das artes visuais no País, com foco nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Em uma das mesas do evento, contou-se com a participação de Luiz Ernesto Meyer Pereira, diretor geral da Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba, que apresentou as diversas atividades da Bienal, que incluem mostras e atividades paralelas, envolvendo esforços conjuntos e colaborativos. Em uma fala otimista, destacou que esforços institucionais coletivos e práticas colaborativas são caminhos a serem percorridos, se esgotadas outras formas de produção cultural, pois acredita muito no trabalho em grupo.

Ao final do evento, após percorrer as instalações do museu, Luiz Ernesto se dirigiu à Sandra Makowiecky, consultando sobre uma eventual participação do Museu da Escola sediar uma amostra da Bienal, em 2017. Imediatamente a proposta foi aceita. No início do ano de 2017, veio a confirmação e Sandra Makowiecky estende o convite para Francine Goudel e Juliana Crispe. Ambas aceitaram e teve início a construção desse processo. As atividades da Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba no ano de 2017 se realizaram no Museu da Escola Catarinense e na Fundação

Cultural Badesc. No ano de 2019, expandiram-se de forma intensa. Se distribuíram em 8 espaços expositivos na cidade de Florianópolis, no que para muitos, é o mais importante trabalho de mobilização artística já acontecido em Santa Catarina.



Juliana Crispe, Sandra Makowiecky e Francine Goudel, curadoras e organizadoras da 13ª (2017) e 14ª (2019) Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba – POLO SC, em Florianópolis. Foto: Juliana Crispe, 2019. Museu da Escola Catarinense. Abertura da exposição “Rudis Materìa”.

De fato, uma mobilização muito grande com equipe mínima, patrocínios e apoios mínimos, mas desejo máximo de colocar Santa Catarina na rota internacional de arte contemporânea e de dar visibilidade à produção que se realiza no estado, por sinal, de excelente qualidade. Um dos maiores parceiros do evento foi a Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, berço de formação e local de atuação profissional de Sandra Makowiecky, Juliana Crispe e Francine Goudel. A proposta do grupo curatorial em SC sempre foi privilegiar artistas que produzem em Santa Catarina. Tal estratégia está se mostrando exitosa, com uma enorme coesão dos artistas que mobilizados, reconhecem o trabalho realizado e se sentem representados, pois as possibilidades de

participação tanto em 2017 quanto em 2019, sempre incluíram representações de diversas regiões do estado.

No ano de 2019, tivemos mais um motivo de entusiasmo. Juliana Crispe foi contemplada com o Prêmio Jovens Curadores 2019 pela Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba. Trabalhando há doze anos como curadora, Juliana Crispe já realizou mais de 60 projetos curatoriais. Neste ano ela foi a ganhadora do prêmio, por sua trajetória como pesquisadora e pelos projetos que já realizou. Ao falar sobre a premiação, ela ressalta que o prêmio potencializa o que é produzido no estado em contexto nacional e internacional. Para Juliana, o prêmio é como desdobramento de um trabalho que já faz há muitos anos, de dar voz a um maior número possível de artistas de distintas gerações. Juliana Crispe e Francine Goudel também administram o Espaço Cultural Armazém - Coletivo Elza, criado em 2016 da união de um coletivo de mulheres de diferentes profissões, em um ambiente que serve como uma plataforma propulsora de ações voltadas ao cuidado e fortalecimento de mulheres e crianças, com foco na ampliação do acesso da comunidade à cultura local, assim, produzindo visibilidade aos artistas catarinenses.



Juliana Crispe. Prêmio Jovens Curadores Bienal Internacional de Curitiba 2019. Foto: Rodrigo Sambaqui.

## **Sobre a Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba**

A Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba encontra-se em sua 14ª edição e está sendo realizada em 16 cidades de países da América do Sul, Europa e Ásia. No Brasil, além de Curitiba, Londrina, Maringá, Cascavel, Ponta Grossa, Florianópolis, São Paulo e Brasília recebem exposições da Bienal. Fora das fronteiras do nosso país, participam as cidades de Assunção (Paraguai), Montevidéu (Uruguai), Buenos Aires e Rosário (Argentina), Paris (França), Bruxelas (Bélgica), Roma (Itália) e Chengdu (China).

Em Curitiba a 14ª Bienal de Curitiba ocupa durante os meses de setembro de 2019 a fevereiro de 2020 todos os museus municipais e estaduais situados na cidade, participando igualmente do circuito de exposições 11 galerias de arte, espaços públicos urbanos e institutos culturais, além de 22 terminais e 1290 ônibus - estes com uma programação de vídeo-arte passando nas TVs do interior do transporte coletivo. A 14ª edição totaliza a soma de mais de 500 artistas de 45 nacionalidades distintas, ocupando dessa forma local de destaque entre as grandes bienais do Brasil e do mundo.

A Bienal Internacional de Curitiba surgiu em 1993. Em 1997, iniciou suas atividades itinerantes por diferentes Estados do Brasil e países da América Latina, trabalho que mantém até hoje, expandindo-se para outros territórios. Em 2007, 14 anos depois, foi realizada a primeira edição temática, com obras relacionadas a “Narrativas Urbanas”, e diversificada a programação, incluindo performances e interferências urbanas, mostras de filmes de arte, cursos e mesas redondas sobre arte contemporânea. Nos anos de 2009 e 2011, a Bienal de Curitiba criou programações e circuitos educativos, com o objetivo de democratizar o acesso à cultura e a arte contemporânea.

Desde 2007, inclui atividades audiovisuais e literárias em sua programação e dessa iniciativa nasceu o Festival Internacional de Cinema da Bienal de Curitiba e a Curitiba Literária, que integram a programação da Bienal de Curitiba.

Quando completou 20 anos, em 2013, foi consagrada como um dos mais importantes eventos de arte contemporânea do circuito mundial.

Importante salientar seu caráter de expansibilidade, a vocação para expandir fronteiras, inserindo-se em outros países, em outros territórios, propondo ações e exposições concomitantes na temporalidade que segue a programação na cidade de Curitiba. Uma Bienal que se faz em diálogo com várias nações, línguas, lugares, culturas, artistas de distintas formações e que nesta edição apresenta o tema cerne deste diálogo: a expansão dos conceitos de fronteira.

*Fronteiras em Aberto*, tema central da 14ª Bienal Internacional de Curitiba, investiga a noção de Fronteira em sentido ampliado, pela concepção dos curadores Adolfo Montejo Navas e Tereza de Arruda.

O conceito sugere algo em expansão, uma fronteira que já não pertence apenas ao território, à geografia política. Extrapola os limites geográficos, traz para nosso tempo o deslocamento do sentido das antigas semânticas, fixadas unidimensionalmente. Segundo os curadores, *“a história contemporânea, a de nossos dias mais recentes, tem não só modificado a noção alfandegária, imóvel, de fronteira, como há desvirtuado algumas antigas, espacialmente, no próprio plano do território. Fruto de conflitos históricos e de diversos tipos, tem-se mudado fronteiras, regiões, países, trocando de signo e realidade a vida de populações inteiras. Nossa época vive um grau de incerteza tal que as noções físicas e simbólicas de local, lugar, fronteira têm sofrido uma grande erosão e transformação, para o bem e para o mal. Agora já sabemos que há fronteiras reais e também invisíveis que se contradizem e estabelecem litígios nada pacíficos. Que a fronteira pode ser várias coisas ao mesmo tempo”*.

Arte como campo de fronteira, sempre em limiar flutuante, não fixa; espaço para novos lugares, em sua *geografia mutante* e suas *derivas lingüísticas*.

Ainda para os curadores *“o sujeito do século XXI vive uma nova condição de fronteira, com experiências contrapostas, enfrentadas de alteridade e ensimesmamento. De violência, domesticação e xenofobia (a chamada crise de refugiados, ou das novas ondas emigratórias intercontinentais, e a intercomunicação planetária revelam quanto a palavra fronteira está implodida e explodida, e, em consequência, necessitada de novas avaliações e atualizações). Estamos, pois, numa nova situação de refronteiras e desfronteiras, de novos agrupamentos socioespaciais, territoriais, assim como de novas*

*experiências artísticas de arte-fronteira, presença de artistas nômades ou deslocados de sua origem, a contar com a existência de trabalhos em parcerias interculturais, além de ampliar-se cada vez mais o campo das fronteiras entre linguagens e sua interligação.”*

*Segundo a concepção curatorial “as fronteiras em aberto propõe também pensar outras condições humanas, o aberto de uma esperança crítica. O devir de outro sensorium, novo contato com o sensível, livre produção do ser. Uma linguagem antídoto contra o fundamentalismo, a visualidade instrumentalizada, que ainda abriga um singular benefício espiritual. Porque enquanto espaço para revelações e análises imagéticas, a arte também funciona como bússola de outro mapa em movimento, em curso, uma cartografia melhor: oferecendo um repertório único de sinais, uma nova sinalética.”*

O conceito central desta 14ª Bienal pretende abrir ainda mais suas fronteiras expositivas, criando inclusive sedes parciais e convergentes nesses outros países, trazendo a relação de Fronteira em religação e dialética de entremundos, como as novas interconexões territoriais-culturais de nossa época globalizada.

### **Sobre a Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba – POLO SC, em Florianópolis**

Em Florianópolis, a 14ª Bienal de Curitiba organiza o POLO SC da edição, que realiza uma grande panorâmica do cenário de produção atual de Artes Visuais no estado, ofertando 23 exposições coletivas e individuais, em oito espaços expositivos da cidade, que configuram suas propostas dentro do tema conceitual da edição: “Fronteiras em aberto”, proposto pelos curadores gerais Adolfo Navas e Tereza de Arruda.

Além de exposições o Polo SC da 14ª Bienal de Curitiba traz 19 produtos culturais, apresentações e propostas que permeiam as linguagens da performance, música, literatura, artes cênicas, áudio visual, e que integraram a programação dentro do evento MULHER ARTISTA RESISTE, realizado no mês de agosto de 2019 no Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza.

Também dentro da programação acolhemos outras exposições que estariam acontecendo na mesma época nos espaços-sedes da Bienal em Florianópolis, baixo o subtítulo FRONTEIRAS COLABORATIVAS. Este procedimento teve o intuito de dar visibilidade a propostas já firmadas nos locais, de propostas pertinentes ao tema geral da Bienal, no sentido de contribuir conceitualmente com a noção das *Fronteiras em Aberto*.

O que propomos aqui em Santa Catarina foi pensar a relação da des-centralização, intercambiando artistas de distintas formações, distintas gerações, diferentes cidades do estado, criando assim um panorama dos artistas já estabelecidos ou da nova geração. Propomo-nos além de convidar artistas que dialogam com o tema, abrir editais de seleção para ver/ouvir o que se produz no estado, para visibilizar artistas de regiões outras que não somente da capital, para realizar assim exposições de múltiplas fronteiras, que se atravessam, contaminam-se, borram e por hora também se divergem.

Neste sentido, a curadoria da Polo SC da 14ª Bienal de Curitiba, composta por Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky, desenvolveu uma programação de julho a dezembro de 2019, em oito espaços expositivos da capital catarinense, acreditando que a proposta no estado possa gerar um intercâmbio entre os países sede, promover a profissionalização do setor artístico, bem como a visibilidade dos artistas que aqui produzem e as instituições que fomentam tal produção.

Romper as Fronteiras do Estado de Santa Catarina, para que o fora observe, em força e potência, o que produzimos dentro do Estado, foi nossa intenção, desejo e força motriz para conduzir tantas fronteiras e afluentes.

O intento foi pensar as correlações que se expandem, propor uma inquietação gerada pelo termo Fronteiras, associar e desassociar a geografia, política, o local. Foi mover pluralidades, artistas, técnicas, velhos e novos conceitos. Um puro desejo de movência de territórios, de distorções do já posto, de compreender o cenário dado e o oculto em muitas coordenadas.

Somos seres fronteiriços, cruzamos culturas, vivemos vários tempos ao mesmo tempo, vivemos a intenção sociopolítica quase permanente. Desta forma, propomos uma Bienal em SC que fala sobre transversalidade e que vai para além dos cruzamentos dos mapas. Plataforma entre mundos. Estamos para fluir os mundos, e não para dividir o

mundo. Contagiar, alargar, borrar as margens. Um desenho que se re-faz como em cartografias moventes. Redefinir o humano, pensar o sensível. Fronteirizar o verbo.

### **Sinopse da programação da 14ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba – Polo SC**

#### **PÁGINAS AVULSAS, de Clara Fernandes - FRONTEIRAS COLABORATIVAS Museu de Arte de Santa Catarina - MASC**

As obras da exposição *Páginas Avulsas*, da artista Clara Fernandes, estão em processo desde 2001. Nesta mostra Clara trama *entre* materialidade, linguagem e conceito, relações temporais que se perfuram, criando ressignificações no agora.

*Páginas Avulsas* sussurram ao espectador lembranças e seus possíveis esquecimentos de intimidades que redesenham novas histórias, quando atravessadas pelo processo criativo da artista. Na leveza das páginas, Clara incorpora o papel de narradora que recebe matérias e lança-as em movimento, disparando diferenças, devolvendo o que recebe em histórias abertas, fluídas, que falam sobre planos de diferença-repetição, encontros-desencontros, materialidade-imaterialidade, sonho-realidade. O *entre* aqui fala sobre o que está no meio de; no intervalo de; dentro de; esse entre que se instala na visibilidade e invisibilidade, entre o mundo de significações individuais e coletivas, entre o que se pode ver e o não ver, o que se pode tocar e o impalpável.



Vista da exposição *Páginas Avulsas*, da artista Clara Fernandes. Museu de Arte de Santa Catarina, 2019.  
Foto: Marcio Martins.

**O ARTISTA VECCHIETTI EM COLEÇÃO, de Pedro Paulo Vecchietti, curadoria de Clara Fernandes - FRONTEIRAS COLABORATIVAS  
Museu de Arte de Santa Catarina - MASC**

O artista florianopolitano Pedro Paulo Vecchietti (1933-1993), tinha em casa a influência do pai cartógrafo, designer de publicações, em uma época onde o processo gráfico era realizado de maneira artesanal. Desta herança gráfica e por influência da história da arte e da emergente vanguarda brasileira da Nova Tapeçaria Moderna, advinda da década de 1950 e posteriormente ressignificada até os dias atuais, Vecchietti buscou na tapeçaria uma linguagem para seu pensamento. Entre os anos de 1991 e 93 Vecchietti trabalhou na reprodução das Vinhetas em tear manual no atelier da artista Clara Fernandes. A produção idealizada por Vecchietti é inicialmente feita em serigrafia, que resulta também em novas composições em Xerox e coloridas individualmente com hidrográfica. Como relata a curadora da mostra “esta atitude, extremamente contemporânea, mescla a produção industrial com a artesanal e mostra o interesse do artista em popularizar o acesso à produção artística”.

O resultado dessa produção vem em agosto de 1993, em uma mostra no Museu de Arte de Santa Catarina, com 33 trabalhos em tapeçaria, 5 meses após o seu falecimento. *O artista Vecchietti em coleção* é uma mostra que seleciona as peças que contam essa trajetória, através de obras que estão na coleção do Governo do Estado, acervo do MASC e na coleção da artista Clara Fernandes.



Vista da exposição *O artista Vecchietti em coleção*, do artista Pedro Paulo Vecchietti. Museu de Arte de Santa Catarina, 2019. Foto: Marcio Martins.

**NINGUÉM CONSEGUE SEGURAR O AR, de Fran Favero, curadoria de Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky  
Museu de Arte de Santa Catarina - MASC**

A exposição de Fran Favero *Ninguém consegue segurar o ar* experimenta as aproximações e atravessamentos possíveis entre fala e fronteira, som e espaço, corpo e entorno, anatomia e geografia, em última instância, entre paisagem, corporeidade e linguagem. Esse processo se dá sob a influência da condição fronteiriça, da margem, percorrendo ainda territórios possíveis, que transcendem a tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, alcançando outras falas, escritas e escutas.

Apresenta vídeos, fotografias, trabalhos sonoros e outras proposições que acionam fluxos por entre orlas e palavras memoriosas e fronteiriças. Travessias, (in)traduções e erosões acionam relações e enfrentamentos outros entre corpo, fala e espaço, entre lábios, línguas e margens, para além daqueles estabelecidos por barreiras fixas e pelos Estados-nações.



Still do vídeo *Duas margens*, 2019, de Fran Favero. Foto: div.

**MULHER ARTISTA RESISTE, Organização de Francine Goudel, Gika Voigt, Juliana Crispe e Virginia Vianna  
Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza**

MULHER ARTISTA RESISTE pretende reafirmar o que historicamente os livros e os arquivos apagaram. Traz produções de pura potência, realizadas por mulheres de diferentes áreas de atuação que pretendem falar de arte mas também pensar a amplitude de nossos espaços e pensar/discutir sobre as Políticas Públicas para as Mulheres.

Durante o mês de agosto de 2019, no Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza, em Florianópolis, distintas linguagens entre artes visuais, artes cênicas, dança, música, literatura se juntam para pensar o que é produzido por mulheres e como um corpo coletivo pode romper fronteiras de linguagens, como organismo vivo, destacando os corpos moventes dessas ações. Assim, as 19 ações programadas para o mês do evento, também se apresentam como performances em hibridismos distintos realizadas por este grande coletivo de mulheres.

MULHER ARTISTA RESISTE foi um evento integrante da 14ª Bienal Internacional de Curitiba que buscou dar visibilidade à produção de mulheres de diferentes áreas que interagem entre si reverberando forças, ações e presença na história da arte.

Participantes:

Liniker

DJ Lê Bafão

La Leuca

Mulamba

Fernanda Magalhães

Luciana Petrelli

Coletivo de mulheres Abrasabarca

Cores de Aidê

Fatto a Femme

Kia Sajo

Roseli Pereira (Coordenadora da Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres e Superintendente da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes)

Virginia Vianna (Doula, Psicóloga, Diretora de Comunicação da Associação de Doulas de Santa Catarina – ADOSC e membro do Coletivo Elza)

Marília Amaral (Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa MARGENS/UFSC – modos de vida, família e relações de gênero; Coordenadora do Serviço de Psicologia da ONG ADEH)

Ale Mujica Rodríguez (Graduada em Medicina pela UNAB, Colômbia, Doutora em Saúde Coletiva pela UFSC, trabalha questões de gênero, saúde e políticas pública)

Carmen Lucia (Enfermeira sanitária especialista em Psiquiatria Social)

Dandara Manoela

Camila Durães

Ida Mara Freire

Gika Voigt

Ana Paula da Silva

Lilian Amaral (Doutora e Mestre em Artes pela USP e Universidade Complutense de Madrid. Artista visual, curadora e pesquisadora – DIVERSITAS USP)

Bia Santos

Luciana Bortoletto  
Clarisse Tarran  
Mônica Galvão  
Sissy Eiko  
Suzete Venturelli  
Regina Carmona  
Ana Teixeira  
Kika Nicolela  
Maribel Domenech  
Elisa Lozano  
Patricia Escario Jover  
Pepa lopez Poquet  
Carmen Marcos  
Amparo Carbonell Tatay  
Dolores Furió Vita  
M<sup>a</sup> Ángeles López  
Marina González  
Teresa Marín  
Anja Krakowski  
Elia Torrecilla  
Cristina Ghatti  
Laboluz  
Sandra Alves



Imagem da apresentação do grupo *Cores de Aidê*. Praia do Sambaqui, Florianópolis, 2019. Foto: Francine Goudel.

**ILHAS DE FORÇA, de Luciana Petrelli, curadoria de Juliana Crispe**  
**Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza**

*Ilhas de Força* se constitui como uma série fotográfica iniciada pela artista Luciana Petrelli em 2016, que nesta mostra se desdobra em outros meios como vídeo, instalação, performance e outras ações.

Nesta nova série, realizada e performada em parceria com a banda Mulamba, Luciana afirma a forma e a beleza em ser resistência através do elemento da pedra. Entre a força da natureza e as relações do mineral e outros elementos como a água, a pedra repete-se como fonte que perturba e resiste, reinventa territórios e desestabiliza fronteiras. Linhas vermelhas demarcam a instalação e conectam os elementos; entre a simbologia da cor que permeia ira e paixão, as mulheres transportam a dureza da pedra para a maleabilidade da água em um fluxo de trocas que se tornam marcas dos feminismos que reafirmam seu papel na contemporaneidade em potências múltiplas.



Da Série *Ilhas de Força*, 2017, de Luciana Petrelli. Dimensões: 1.10 x 1.65cm. Técnica: Colagens de lãs e cordas sobre impressão em lona. Parceria: Mulamba (Amanda Pacífico, Cacau de Sá, Caro Pisco, Érica Silva, Fer Koppe, Naira Debértolis). Foto: div.

**GRASSA CRUA, de Fernanda Magalhães, curadoria de Juliana Crispe**  
**Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza**

A performance *Grassa Crua*, de Fernanda Magalhães, propõe uma série de ativamentos do corpo da mulher gorda e suas relações com o espaço, nos movimentos de outras mulheres e outros corpos presentes em audiência. Ação que atravessa, perfura, percorre fronteiras de gênero e biopolíticas, não há como sair de *Grassa Crua* sem se deixar transbordar por esse corpo que nos invade, que produz deslocamentos, danças, intervenções, participações ímpares. Fernanda faz repensar os corpos em confinamentos, as exclusões possíveis, as vaidades, formatações, ilusões, frustrações, desejos, movimentos, espaços de poder, potências e liberdades.

Diante de tanta força movida por esse corpo, a leveza também é evidenciada pelo compartilhamento, generosidade e empoderamento também do outro. Obra que fala de si, não como estrangeira, mas como vernácula, o que faz acreditar mais ainda que a arte é um processo de autoconhecimento. Uma fala de si que se conta pelo outro e pelo encontro com o outro.



Imagem da apresentação da performance *Grassa Crua*, de Fernanda Magalhães. Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza, Florianópolis, 2019. Foto: Tainá Andressa Bernard.

## **EXTRAVIOS, de Lela Martorano, curadoria de Francine Goudel - FRONTEIRAS COLABORATIVAS**

**Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchiatti**

Entre as fronteiras de água e terra, os naufrágios são, por excelência, parte constituinte do imaginário e história de países litorâneos. O naufrágio é a imagem dos que não chegaram, dos que em extravio não escreveram a história e configuram um

fantasma de possibilidades futuras. Quando o destino de uma Nau fracassa, a imagem que é gerada propicia o pensamento sobre o encontro dos tempos, as fronteiras física e mental que essa embarcação transita, o destino que temos ou perdemos, o extravio histórico de que somos partícipes.

Em *Extravios* de Lela Martorano, as naus do fracasso se mostram presentes. Através da exploração e manipulação de arquivos fotográficos antigos, Lela cria uma instalação que possibilita a ativação de um imaginário coletivo, por entre imagens de distintos naufrágios.

Em uma sequência, a instalação proposta explana sobre o fracasso e desaparecimento em sete atos, sete barcos. Como em outros trabalhos da artista, suas criações transitam entre a coexistência de distintas camadas imagéticas de tempo, compondo um território de invenção e reconstrução, no intuito do exercício da memória.

Os Extravios das embarcações que a instalação de Lela propõe, ativam a noção de reconhecença e sinalizam o território poético e amargo do desaparecimento.



Vista da exposição *Extravios*, da artista Lela Martorano. Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchietti, 2019. Foto: Francine Goudel.

**ÍNDICE**, de Sérgio Adriano H, curadoria de Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky  
Fundação Cultural Badesc

A exposição *Índice* de Sérgio Adriano H toma este termo para travar uma dialética com o significado do glossário e os objetos ressignificados na mostra. Índice quer dizer uma lista, alfabética, que inclui todos ou quase todos os itens (temas, tratados, nomes próprios) que se consideram de maior importância no texto de uma publicação, e que em sua etimologia refere-se a um catálogo, uma lista, mas também a algo indicador, um registro. É dentro deste escopo que se inscreve a exposição de Sérgio Adriano H, uma coleção de obras listadas, indexadas, que nos indicam um novo registro.

“Índice” reúne livros que fazem parte da formação de uma consciência histórica brasileira onde em sua apropriação o artista enfatiza, entre texto e imagem, a erosão entre as fronteiras propostas. A exposição reúne também outras materialidades, como utensílios de época, vestes infantis, fotografias e vídeos, que reforçam ainda na contemporaneidade os espaços nos quais os índices dessa exposição percorrem: o ocultamento/desvelamento do negro como produtor e partícipe da construção de nossa história.

“Índice” nos propõe uma experiência que não se refere somente ao território da fronteira do pensamento, mas que permite a noção de pertencimento do fato, a aproximação entre fronteiras invisíveis e visíveis. Sergio Adriano H propõe uma nova coleção histórica, o registro de um acervo de peças que mostra as dualidades e barbaridades desse processo de tempo, um mapeamento de palavras, índices e imagens que permeiam o universo da discriminação e que perpetuam os desacertos entre história ocultada e a história dada a ver na significação da sociedade brasileira.



*Guia dos Bens Tomados do Brasil II*, 2018, de Sérgio Adriano H. Dimensões: 20 x 20 x 3,5 cm. Técnica: Mapa formado com recorte 526 páginas do livro *Guia dos Bens Tombados do Brasil* | 2/10. Foto: div.

**INVENTÁRIO, de Beatriz Rodrigues, curadoria de Gustavo Reginato - FRONTEIRAS COLABORATIVAS**

**Fundação Cultural Badesc**

Através do suporte da fotografia, que logo ultrapassa a linguagem e traslada para escultura e instalação, o “inventário” de Beatriz Rodrigues nos apresenta imagens de fragmentos de uma história em ruína. A artista durante mais de 10 anos coletou imagens e materiais de ruínas, buscando entender e problematizar a noção do cuidado humano com o patrimônio arquitetônico. Mais do que um enfático inventário, Beatriz se apropria das linguagens das Artes Visuais para resgatar indícios de vivências na cidade, arquitetura, ocupação, exploração, demolição e reconstrução.

Pelas palavras do curador da mostra “seus processos de coleta são uma tentativa de fazer durar aquilo que tende a ruir e escapar por entre os dedos. Assim como Nuno Ramos, Beatriz começou a arrancar a pele das coisas para ver o que havia debaixo, percebeu que a pele dos tijolos ia virando pó. Como se tentasse capturar o pó com uma peneira, seus trabalhos de inventário são uma pequena fração de moléculas capturadas de uma matéria que se esvai com o passar do tempo.”



*Estruturas de sustentação*, 2019, de Beatriz Rodrigues. Dimensões: 85 x 120 cm. Técnica: Fotografia em papel vegetal. Foto: div.

**RIO ENGANO, de Raquel Stolf e Helder Martinovsky - FRONTEIRAS COLABORATIVAS**

## **Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza**

A exposição apresenta uma instalação construída em parceria entre a artista Raquel Stolf e o artista Helder Martinovsky, que desde 2016 estabelecem uma relação com o Rio Engano, localizado na cidade de Angelina e respectivamente na cidade de Alfredo Wagner, em Santa Catarina.

A mostra é composta em três trabalhos, ou três margens. A primeira chama-se “rio Engano”, uma projeção de um filme em 16mm, que apresenta as margens e fluxos dos dois rios. A segunda margem uma proposição sonora e textual de Raquel Stolf, chamada “sou toda ouvidos”, que utiliza as redes de telefonia como um canal de intercâmbio entre falas e escutas ou impossibilidade de conversação.

Por fim, “estudos de rios” apresenta fotografias em preto e branco, de Helder Martinovsky, sobre a pesquisa. O estudo “envolve fotografar o que se dilata, entre vazio denso, desenho de luz e massa silenciosa. O rio, sobretudo, é opaco. Calado, não tem um dentro acessível, estável, estabilizável. O rio corre o tempo todo. O rio concentra algo de mistério.” (texto dos artistas sobre a exposição)



*Rio Engano, 2016, de Helder Martinovsky e Raquel Stolf. Foto: div.*

**CONVERS[A]TIVA, de Priscila Costa Oliveira - FRONTEIRAS COLABORATIVAS**  
**Na Casa – Coletivo Artístico**

A exposição *CONVERS[A]TIVA* é em sua essência um espaço de proposição de conversa. Através de oito encontros com artistas, Priscila delimita e propõe espaços de fala e escuta, silêncio e som. Das participações, baixo alguns títulos designados, os convidados ativos foram: em “Conversa silenciosa e Conversa Anódina: Choro coletivo”, Camila Zupo, Carolina Pommer, Kellyn Batistela, Luiza Helena, Marcello Carpes, Marcos Gorgatti, Raquel Stolf, Sil Saldanha e Verônica Gazola; em “Conversa que dá pano para manga: descarçando algodão”, Bruna Maria Maresch; em “Mariana e Brumadinho: Por quem a sirene toca?”, Cyntia Werner; em “A Saga por um Banho – pelo direito a ter direitos”, Carolina Pommer e MNPR; sem título proposto, participou Mônica Hoff; em “mover dilúvios”, Débora Tacana; em “Caixa de texto”, Ailton Pereira Junior e em “Roda de vadiagem: leitura de fragmentos. Prelúdios para um não discurso”, Rogério Nunes Marques.

O público é peça chave na ação, ele é incitado e convidado a participar de forma ativa, transformando-se ao final em parte do trabalho.



Vista das ações de abertura da exposição *CONVERS[A]TIVA*, 2019, de Priscila Costa Oliveira. Foto: div.

**FRONTEIRAS EM ABERTO, de Adriana Mdos Santos, Alejandro Lloret, Aline Dias, Andrea Eichenberger, Andressa Argenta, Andrey Roca, Anna Moraes, Atomic Shadows Art (Marco Ramos e Olavo Kucker), Claudia Zimmer, Coletivo Inço (Diana Chiodelli e Audrian Cassanelli), Cristina Brattig Almeida, Cyntia Werner, Diego Rayck, Dirce Körbes, Dora Napolini, Elke Hulse, Fabio Dudas, Fê Luz, Flávia Duzzo, Gustavo Reginato, Henry Goulart, Ilca Barcellos, Isadora Stähelin e Sofia Brightwell, Jairo Valdati, Jan M.O, Janaina Corá, Janor Vasconcelos, João Miot, José Maria Dias da Cruz, Kellyn Batistela, Laïs Krücken, Leandro Jung, Leandro Maman, Leandro Serpa, Lena Peixer, Letícia Cardoso, Lilian Barbon, Lucila Horn, Marivone Dias, Marta Facco, Marta Berger, Martha Ozol, Odete Calderan, Patricia Di Loreto, Ricardo Ramos, Rosane Cechinel, Rosangela Becker, Sara Ramos, Sarah Uriarte e Kim Coimbra, Sebastião G. Branco, Simone Milak, Sofia Brito, Sonia Loren, Tarcisio Ullrich e TiroTTi, curadoria de Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky**  
**Museu de Arte de Santa Catarina - MASC**

Através de uma chamada aberta aos artistas que nasceram ou que vivem e produzem em Santa Catarina, esta mostra busca evidenciar na proposta da coletiva, o conceito geral da 14ª Bienal Internacional de Curitiba, concebido pelos curadores Adolfo Navas e Tereza de Arruda, conceito esse que investiga a noção de fronteira em sentido ampliado.

A intenção desta exposição é realizar uma espécie de *Panorama* da produção de Artes Visuais em Santa Catarina, que significa, entre outras coisas dentro de nosso campo de atuação: visão de conjunto, ampla e abrangente sob todos os ângulos do assunto. *Panoramas* acabam se transformando em plataformas de discussão e decantação de processos artísticos e propõem reflexão sobre o estado da arte. Embora não se trate de um *Panorama* clássico, esta coletiva apresenta a particularidade de colocar em mostra uma visão ampliada da produção que se dispôs a se inscrever em nossa chamada.

Uma comissão de seleção foi composta, e juntamente com a equipe curatorial da Bienal Internacional de Curitiba – Polo SC, Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky, os curadores, pesquisadores e gestores, Daniele Zacarão, Franzoi, Fernando Boppré e Susana Bianchini, participaram da seleção dos artistas, no intuito de abranger um cenário de reconhecimento ampliado do estado. A chamada teve por objetivo tornar o processo acessível tanto aos artistas renomados pelo circuito, bem como aos que estão em processo inicial de carreira e aos artistas que estão fora do eixo das principais cidades do estado, democratizando o acesso.

O resultado é a ocupação de quatro grandes salas do Museu de Arte de Santa Catarina, que evidenciam trabalhos que transitam entre as relações de fronteiras na paisagem, na geografia, na política, no corpo e na subjetividade.



Vista da exposição coletiva *Fronteiras em Aberto*. Museu de Arte de Santa Catarina, 2019. Foto: Marcio Martins.

**FARDO, de Diego de los Campos, curadoria de Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky**

**Museu de Arte de Santa Catarina - MASC**

Uma única instalação compõe a exposição de Diego de los Campos. A obra que leva o mesmo título da mostra, trata-se de uma máquina que se ativa com a presença do público. Um motor ao centro da sala, conduz através de uma haste um corpo de um homem feito em papelão. Através dos sensores de presença e em movimentos abruptos e rotativos, a máquina conduz o corpo numa dança arbitrária e visualmente pesada, apesar da leveza deste corpo/material. O homem ali representado por vezes quase levanta, por vezes é atirado ao solo. Como uma alusão ao movimento dos títeres, o corpo se adapta à vontade da máquina, que dita a ordem de ação e inércia. Diego de los Campos, em “Fardo”, busca evidenciar as fronteiras invisíveis que as máquinas, em sua ampla escala e conceito, definem o movimento e quietude do homem, entre leveza, peso, aprisionamento e condição.



*Fardo*, 2019, de Diego de los Campos. Dimensões: 300 x 300 x 154 cm. Técnica: Instalação cinética, madeira, papelão, tecido, Arduino. Foto: div.

**DEPOISANTES, de Fernando Lindote, curadoria de Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky  
Museu de Arte de Santa Catarina - MASC**

De criação do próprio artista, o termo “depoisantes”, trata da relação entre as fronteiras do tempo. Entre origens e possíveis sucessões, a questão posta por Fernando Lindote demarca uma reflexão sobre o sentido de procedência, a gênese e expansão da história da arte, literatura, filosofia.

Na fatura precisa e intencional, o artista elabora seu conceito em pinturas que mostram, à primeira vista, uma exuberante flora e fauna. O colorido explora a diversidade de flores, ao mesmo tempo em que fornece visualmente uma complexa presença de ícones, como aparições visuais de tempos sobrepostos.

“Depoisantes” trata de um movimento engenhoso onde a história da arte inicia nos trópicos, depois da própria história da arte, mas também é anterior. Nas palavras do artista: “Tudo começou aqui. Depois e antes. Minha índia é anterior a Michelangelo e Debret”. Uma operação conceitual para a trama do tempo, o desejo e o pensamento patrimonial, a constantemente ressignificação e sobrevivência da obra.



*A Imperatriz Antropófaga*, 2017, de Fernando Lindote. Dimensão 150 x 140 cm. Técnica: óleo sobre tela. Coleção Jeanine e Marcelo Collaço Paulo. Foto: Isaias Martins, div.

**DES-TEMPO, de Meg Tomio Roussenq, curadoria de Juliana Crispe - FRONTEIRAS COLABORATIVAS**

**Museu de Arte de Santa Catarina - MASC**

*Des-tempo* propõe, através da mostra e relação entre uma pintura da artista, do ano de 2003, pertencente ao acervo do MASC, e três novas séries de 2018-2019, dialogar sobre seu processo matérico, bem como sobre camadas da memória.

No diálogo com o passado, Meg flexiona imagens e relações entre vida e morte, entre carne, afecções, em processo de (de)composição do que somos; entre a realidade e a ficção, em uma arquitetura que compõe vários planos.

Entre a matéria e o impalpável, *Des-tempo* imerge das fronteiras do corpo-carne-pensamento, em cores vibrantes resulta desta mostra uma intensidade visceral que fala sobre dissipação, uma intensidade que desvela a consumição, indiscernibilidade da pintura como potencial de “desterritorialização” que a artista se encarrega de anunciar pelo corpo pictórico que cria.



Detalhe da obra *Informes*, 2018, de Meg Tomio Roussenq. Dimensão 80 x 110 cm. Técnica: óleo sobre madeira. Foto: div.

**PANORÂMICAS DO DESEJO, de Ana Sabiá, curadoria de Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky  
Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchiatti**

A exposição *Panorâmicas do desejo* propõe o diálogo entre imagens reais e construções oníricas, que perpassam os devaneios, sonhos, vigílias e delírios que se desenrolam a partir de acontecimentos cotidianos, tanto composto de banalidades como, também, de eventos extraordinários que esbarram no processo artístico de Ana Sabiá nas fronteiras entre real e imaginário. Entre a veracidade e a vigília, as colagens fotográficas produzidas pela artista, atravessam outras temporalidades, as das estações (inverno-primavera-verão-outono), que são mote para as intervenções panorâmicas.

As quatro estações do ano reviram sensações: no Inverno a ancestralidade revisita o presente pela paisagem-caverna em horizonte acidentado em montanha fantasiosa; na Primavera a sensualidade brota pelo seio-paisagem que jorra a fecundidade e alimenta novas vidas; no Verão o panorama ensaia sobre a floresta encantada de Shakespeare - em "Sonhos de uma noite de verão" - assim como os personagens vertiginosos de entrada ao inconsciente; no Outono o azul mergulha na melancolia das águas nos convidando para uma imersão de nós mesmos, em buscas de outras terras firmes. Através da parceria com o artista Antonio Colangelo, *Panorâmicas do desejo* propõe além das imagens um *Soundscape* criado pelo artista, que busca na sua relação com a paisagem e as estações do ano em sua cidade a construção do som que ambienta a instalação.



Vista da exposição *Panorâmicas do Desejo*, da artista Ana Sabiá. Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchietti, 2019. Foto: Marcio Martins.

### **FLORESTAS, de Juliana Hoffmann, curadoria de Juliana Crispe Memorial Meyer Filho**

Na experiência da floresta, da natureza e da paisagem, o homem está apenas como expectador, observador passivo. Quando este se torna agente de transformação dos meios naturais, a natureza deixa de ser produto cultural a ser contemplada para tornar-se uma variante artificial. Estes fatores são questões que perpassam pela exposição *Florestas*, de Juliana Hoffmann.

Da eminência de vida de uma floresta, a um possível estado de morte. Fronteiras entre a vida e a morte, o real e o artificial, o existir e o não existir...

Essa forma de pensamento que ressalta a paisagem enquanto arte, materializada nas variantes das pinturas, impressões e instalações, privilegia o sentido da visão que reverbera nas afecções possíveis diante das imagens realizadas pela artista. Assim, o sujeito perante essas Florestas cria um ato de adesão da sensação de paisagem que o faz perceber o risco da perda.



*Sem Título*, Da Série “The Surviving Forest”, 2019. Dimensões: 110 x 150 cm. Técnica mista sobre tela: Acrílica e massa acrílica. Foto: div.

### **ALMACORPOMARTERRA , de Franzoi, curadoria de Juliana Crispe Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza**

Diferença e repetição parecem ser forças geradoras no conjunto das obras de Franzoi. Em diversas fases do artista, a cada tomada, elementos novos surgem, o corpo modifica-se e novas camadas dão voz a maneiras de existir em cada performance. Suas performances implicam ter um pedaço de si no outro e um do outro em si; instala-se um entre nesse corpo-paisagem. O corpo ausente permanece como memória, como impressão, como resquício. Há um certo tipo de toque que não toca, está em plena deriva, e escapa.

Reter essa experiência é compreender que ela é porosa. É um outro tempo do qual não estamos mais habituados, uma construção lenta, poética. Em *almacorpomarterra* Franzoi relaciona-se com a paisagem do local das performances. As ações dialogam

com mar e terra, o ambiente da Praia do Sambaqui em Florianópolis e o Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza, como um site specific para as relações fronteiriças entre corpo e alma, presença-ausência, espaço e ambiência.



Still do vídeo registro da performance *Almacorpomarterra*, 2019. Praia do Sambaqui, Florianópolis. Foto: div.

**RUDIS MATERÌA, de Marilyn Green, Susan Mckinley, Peter Lindenberg, Dagmar Diekmann, Yara Guasque, Rubens Oestroem, Sandra Favero, Juliana Hoffmann e Tom Drake Bennett, curadoria de Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky Museu da Escola Catarinense- MESC**

Do latim matéria: aquilo de que algo é feito, derivado de mater (mãe). Do latim rudis: cru, o princípio bruto. A exposição intitulada *Rudis Materìa* propõe colocar à mostra o diálogo de produções contemporâneas de nove artistas entre Brasil e Alemanha. O intercâmbio, estabelecido desde o início de 2019, possibilitou o encontro das pesquisas, as junções dos processos criativos que tratam das fronteiras entre o princípio bruto da forma, entre técnica e transformação da matéria.

A condição da obra de arte é resultado através de um processo que implica trabalhar a matéria; a matéria como estrutura e atividade, como forma que dá vida às formas. Matéria e forma são inseparáveis. A matéria é atividade e se transforma; a forma, ao passar de uma matéria a outra sofre uma metamorfose. As técnicas são as ações, os instrumentos das metamorfoses, a técnica é também um processo. Nesta, o processo de pesquisa da forma das obras apresentadas em *Rudis Materìa* ensaia a poética bruta

e lírica da matéria. Inventam outros mundos, como se referia Henri Focillon ao próprio papel da arte, e assumem a condição primária da natureza, renovadora, encontrando outras formas nas formas das coisas.



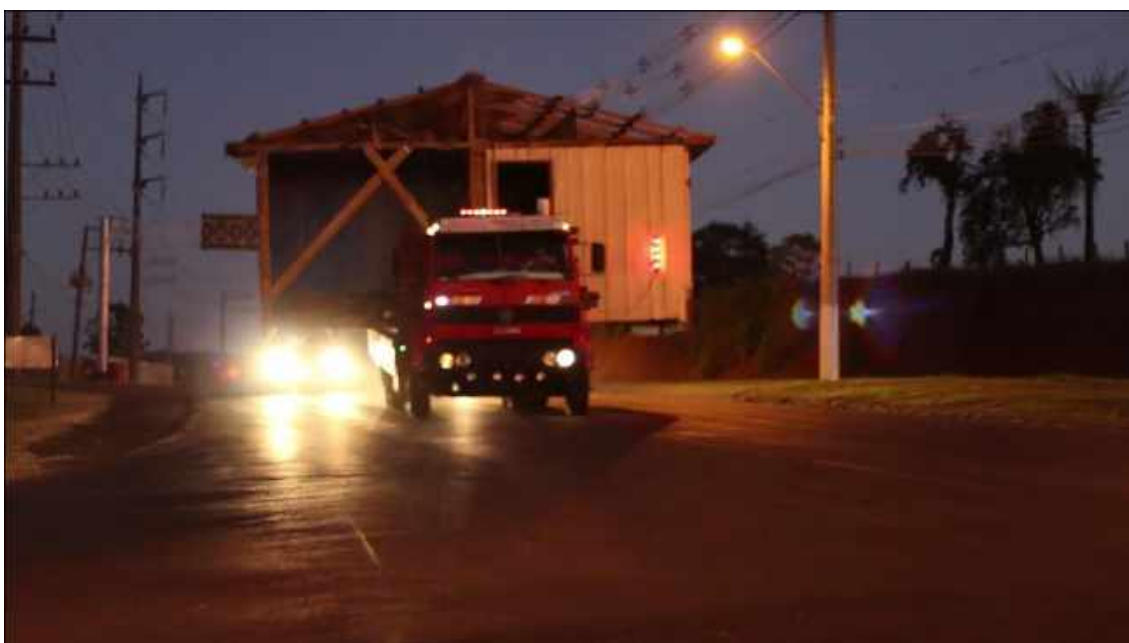
Detalhe da obra Da série *Pelas peles, pelas penas, pelos pelos*, 2002. Dimensões: 0,51 x 1,38 cm. Técnica: tiras recortadas de impressões xilográficas sobre papel sulfurizê em tons pretos, coladas sobre papel sulfurizêa. Foto: div.

**INTERSECÇÕES COM A PAISAGEM, de Bento Ribeiro B`Ro, Bianca Scliar e Lab. Ei. Laboratório de Ensaios e Imprevistos, Bruna Ribeiro, Caio Villa de Lima, Carla Linhares, Carol Garlet, Coletivo Dual (Alê Abreu e Álvaro H. Fieri), Cristina Luviza Battiston, Diana Chiodelli, Evandro Machado, Gabriel Guaraciaba, Manuela Valls, Marcos Serafim, Steevens Simeon e Zé Kielwagen, Marcos Walickosky, Osmar Domingos, Silvana Leal, Vanessa Neuber, Violeta Sutili e Wladymir Lima, curadoria de Francine Goudel e Juliana Crispe**  
**O Sítio – Arte e Tecnologia**

A exposição coletiva de vídeo-arte *Intersecções com a Paisagem* propõe apresentar e problematizar dentro do campo artístico as diversas possibilidades da paisagem na contemporaneidade. Entre fronteiras múltiplas, o que norteia a curadoria da exposição – ou desorienta – é a relação entre paisagens de campos distintos, quebrando paradigmas estabelecidos pela história da arte. A memória, o corpo, as relações geográficas, biológicas, históricas, se imbricam em uma mostra que tem por objetivo pensar as extensões da paisagem.

Na arte contemporânea, a paisagem torna-se uma construção aberta, que extrapola a noção de natureza e se reinventa em outras experiências que perpassam a relação de contemplação e de uma realidade, transgredindo ou interrogando os espaços; quebrando, cruzando fronteiras e reinventando territórios.

A proposição da coletiva trata-se da 3ª edição da mostra “Intersecções com a paisagem” idealizada por Juliana Crispe e que neste marco da 14ª Bienal Internacional de Curitiba – Polo SC foi concebida em uma chamada direcionada aos artistas que nasceram ou vivem e produzem em Santa Catarina, com objetivo de democratizar o acesso e dar visibilidade a vídeo-arte que se produz no estado dentro do tema proposto. A exposição das obras selecionadas foi idealizada para o espaço O Sítio – Arte e Tecnologia, em Florianópolis, que privilegia a produção artística ligada aos processos tecnológicos.



Still do vídeo *Casa <-> Movente I*, 2016, de Diana Chiodelli. Foto: div.

**PROJETO GURBAH, de Adel Alloush, Silvana Macêdo e Yara Osman, curadoria de Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky  
Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchietti**

*Projeto Gurbah* é uma mostra-instalação idealizada pela artista brasileira Silvana Macedo em parceria com os refugiados sírios Yara Osman e Adel Alloush, que busca explorar as fronteiras conceituais e sentimentais da questão e da situação da migração.

Yara e Adel residem em terras brasileiras há três anos. O encontro do casal com a artista Silvana Macedo está plasmado neste trabalho, que apresenta o tema em uma vídeo-instalação sonora multicanal, e também cartazes e fotografias, que contam

sobre a “saúde de casa” e as relações de estranhamentos causadas pelo deslocamento.

*Gurbahem*, em árabe, é um termo complexo de se traduzir para o Português. Segundo Yara e Adel, seu significado seria algo como “saúde de seu local, e profunda falta de algo importante, acompanhado por um doloroso sentimento de estranhamento e desejo por algo familiar essencial ao seu bem-estar”. *Projeto Gurbah* explora, dessa forma, a ideia da fronteira invisível das culturas em seu encontro, permeando as relações sentimentais, emocionais e físicas dos indivíduos que se lançam na experiência do viver fora do seu local de origem.



Still do vídeo *Gurbah Gurbah*, 2019, de Adel Alloush, Silvana Macêdo e Yara Osman. Foto: div.

**IDÍLIOS CÓSMICOS, de Meyer Filho e Kelly Kreis, curadoria de Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky**  
**Memorial Meyer Filho**

*Idílios Cósmicos*, de Meyer Filho e Kelly Kreis apresenta em imagens pequenos devaneios épicos, coloridos, com cenas de relações entre seres cósmicos, que ultrapassam as fronteiras de criação no tempo, por se tratar de dois artistas de distintas gerações.

Meyer Filho, considerado um dos importantes artistas plásticos modernos de Santa Catarina, criou no final da década de 1950 a primeira pintura fantástica que se tem conhecimento na região, exibida em sua primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de Santa Catarina - MASC. Catarinense, na contramão da produção vigente no eixo Rio-São Paulo entre a década de 50 a 80, porém expondo no circuito

destas cidades, Meyer deixa para a história da arte brasileira uma potente produção de imagens de seres híbridos, coloridos, resultantes de uma vigorosa imaginação.

Por sua vez, Kelly Kreis, artista de nossa época, parece sinalizar em suas criações a fronteira de dobra de uma camada de tempo cósmico. Seus seres híbridos surgiram em 2007, após um longo período de doença, em que a artista começou a desenhar temas fantásticos vindos de um automatismo “inconsciente”. Segundo ela “uma ordem de 5 desenhos a cada dia, completando 14 dias de doença e resultando em 70 desenhos”. Em 2017 a artista retomou os desenhos e aplicou-lhes cor em pintura digital, ressignificando-os por meio de simbolismos. Dois artistas separados pelo tempo, mas unidos pelo cosmos.

A exposição trata de uma relação entre fronteiras abertas de sonhos, devaneios e realidades que permeiam nossas relações com seres animados e inanimados, no imenso cosmos.



*Feiticeiros Cósmicos*, 1972, de Meyer Filho. Dimensão: 60 x 68 cm. Técnica: Tinta acrílica sobre Eucatex. Foto: div.

**DES(E)POEMAS**, de Carlos Asp, curadoria de Francine Goudel e Juliana Crispe  
Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza

Em novembro de 2019, o artista Carlos Asp completa 70 anos de vida e muitas décadas de dedicação ao seu processo criativo. *Des(e)poemas* é uma exposição que propõe pensar e celebrar uma vida dentro da arte, pronunciar sobre a fronteira do tempo, sobre a existência desse artista nômade de personalidade ímpar, artista-fractal.

*Des(e)poemas* apresenta 70 obras para celebrar cada ano de sua existência. Uma exposição composta por desenhos, por textos em palavras mãe e em línguas estrangeiras, fragmentos de canções, poemas. Disparantes dos modos operantes de Asp, o desenho e a poesia visual parecem tomar conta da produção, ativadas desde a década de 1970 quando, em Porto Alegre, fez parte do importante grupo Nervo-Óptico.

Carlos Asp é contador das suas histórias repetidas vezes e é também narrador de novas histórias – histórias atemporais. Palavra-desenho que rompe a fronteira do tempo, para atravessar os tempos possíveis, em anacronismo, desvio, vertigem, aproximações dos personagens ao espectador e em teias de afetos. Do artista errante, andarilho, irrompe um processo vigoroso de produção, baseado em materiais descartados. Descartáveis tornam-se suportes de obras, de exposições ambulantes que leva consigo, folhas, cadernetas, pequenos textos, desenhos, sinalizam a tentativa de retenção do tempo, mesmo que anárquico. *Des(e)poemas* é uma exposição que comemora uma vida, por obras que se realizam em um processo de pulsão, que retiram de seu cotidiano, da poesia visual colhida pelo artista, aproximação entre arte e vida.

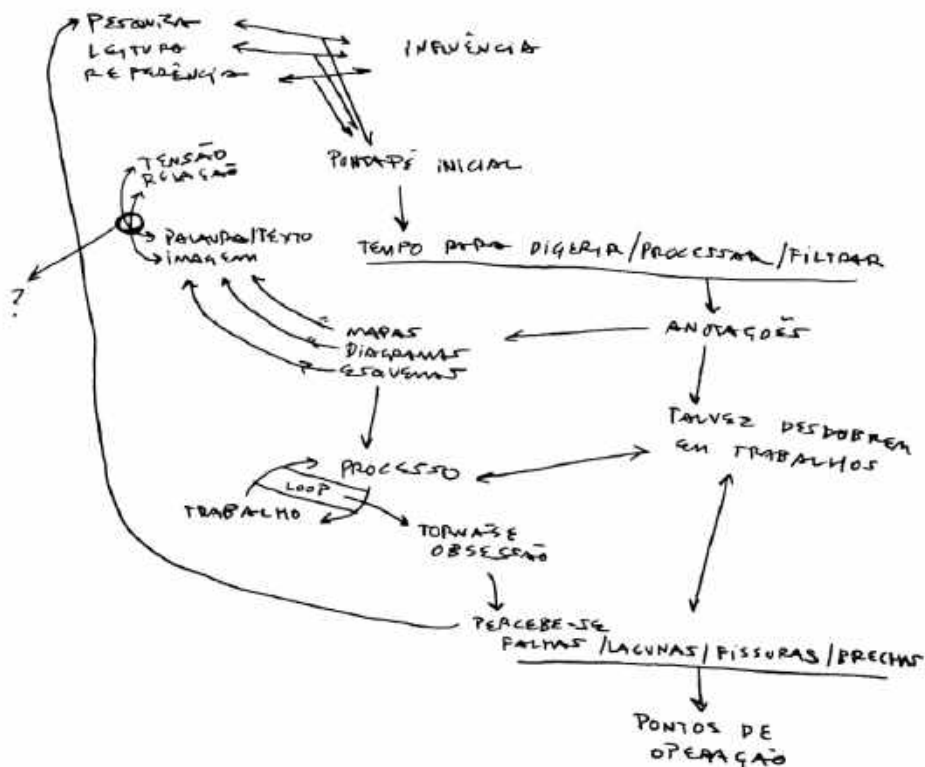


ART SC, 2019, de Carlos Asp. Dimensões: 22 x 56 cm. Técnica: Lápis de cor sobre bula de remédio. Foto: div.

**A NOÇÃO DE UM TODO CONSTRUÍDO EM PARTES, de Matheus Abel, curadoria de Juliana Crispe - FRONTEIRAS COLABORATIVAS  
Na Casa – Coletivo Artístico**

Em gesto processual que transborda e contamina as fronteiras entre desenho e palavra, Matheus Abel investiga a noção de um todo construído em partes, que se dá por operações que surgem de esquemas/mapas/diagramas. Nas tensões das bordas e linhas possíveis a série é atravessada por relações dentro do processo de produção do artista que provoca tensões, intersecções, aproximações e distanciamentos, bem como percebe as fronteiras dos conceitos abordados e o que acontece para além das direções sugeridas.

Indagações, justaposições, enfrentamentos, dúvidas e transformações direcionais da palavra parecem romper e tencionar possíveis teias de conexões que se dão em novos modos de existir, em rizomas que se reorganizam pelas sensações dos corpos que com os diagramas de Matheus se esbarram, provocando mobilidades, derivas, flâneurs nas cartografias dos esquemas-partes-de-um-todo.



mapa/esquema/diagrama, 2018, de Matheus Abel. Dimensões: 29 x 21cm. Técnica: Caneta sobre papel. Foto: div.

**COSMOGRAFIAS ATEMPORAIS, de Amanda Melo da Mota, curadoria de Juliana Crispe. Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza**

As obras da exposição *Cosmografias Atemporais* de Amanda Melo da Mota foram desenvolvidas a partir do Programa de Residência Artística “Intercambiável” (promovido entre Casinha3 em São Paulo e Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza em Florianópolis). Em residência no Coletivo Elza, a artista vem desenvolvendo desde 2017 um processo que busca e reflete as relações estabelecidas na cidade, com o coletivo de mulheres e com os eventos de observação dos solstícios e equinócios que são realizados nos sítios arqueológicos e monumentos megalíticos da ilha.

A cosmografia é a parte da astronomia que se preocupa com os estudos e descrição do universo, dos estudos dos cosmos e corpos celestes. Nessas fronteiras entre um passado emblemático, misterioso; entre as bordas/linhas da ilha, sua relação com a paisagem e com uma temporalidade revisitada, a pesquisa de Amanda investiga um dos mais ricos acervos rupestres do planeta, contendo 65 sítios arqueológicos com centenas de inscrições e também dezenas de sítios com pedras orientadas. Pedras estas que possivelmente serviam como calendários astronômicos aos primeiros habitantes da região da Ilha de Santa Catarina, cuja ocupação iniciou-se cerca de cinco mil anos atrás.

Algumas das inscrições rupestres, estão propositalmente alinhadas aos diferentes locais onde o sol nasce nas mudanças de estação.

Amanda percorre as regiões da ilha nos períodos desses eventos para inserir-se na paisagem e nela fazer parte. Mapeia os tempos e por eles perfura o passado, devolvendo-o ao presente, nessa investigação que parte também de ações performáticas realizadas pela artista.



*Mono-marco*, 2018, de Amanda Melo da Mota. Dimensões: 0,50 x 0,80cm. Técnica: Fotografia. Foto: div.

## **Equipe Técnica da 14ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba**

### Organização e curadoria 14ª Bienal Internacional de Arte de Curitiba – Polo SC

Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky

### Coordenação 14ª Bienal Internacional de Arte de Curitiba – Polo SC

Sandra Makowiecky

### Curadoria da 14ª Bienal Internacional de Arte de Curitiba

Adolfo Montejo Navas (Espanha/Brasil), Tereza de Arruda (Brasil/Alemanha), Massimo Scaringella (Itália/Argentina), Gabriela Urriaga (Argentina), Ernestine White-Mifetu (África do Sul), Esenija Bannan (Uzbequistão/Alemanha), Fernando Ribeiro (Brasil), Brugnara (Brasil), Li Xiangning (China), Prêmio Jovens Curadores: Juliana Crispe (Brasil), Francine Goudel (Brasil), Sandra Makowiecky (Brasil), Vivian Villanova (Brasil), CUBIC4: Stephanie Dahn Baptista (Brasil), Isadora Mattioli (Brasil), Fabrícia Jordão (Brasil)

### Diretoria Executiva da 14ª Bienal Internacional de Arte de Curitiba

Luiz Ernesto Meyer Pereira (Diretor Presidente), Mônica Machado Lima (Vice-Diretora Presidente), Luiz Carlos Brugnara (Diretor Secretário)

### Produção 14ª Bienal Internacional de Arte de Curitiba – Polo SC

Francine Goudel

### Realização

Bienal Internacional de Curitiba, UDESC, Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza, Fundação Cultural Badesc, Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchiatti, Instituto Meyer Filho, Museu da Escola Catarinense, Museu de Arte de Santa Catarina, NaCasa – Coletivo Artístico, O Sítio

### Apoio

Abrasabarca, ArqSC|portal, Associação de Doulas de Santa Catarina – ADOSC, BADESC, Banco do Brasil, Casa Luanda, Compór, Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres - CMPPM, Cores de Aidê, ER, Fatto a Femme, Fundação Catarinense de Cultura - FCC, Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes - FCFFC, Galeria de Arte Helena Fretta, Governo do Estado de Santa Catarina, Guerrilha Produtora, La Kahlo Bodega, Portal Catarinas, Prefeitura Municipal de Florianópolis – PMF, Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Juventude

### Patrocínio

RICTV SC, Farmácia Ponta do Goulart, Kideki Salão de Beleza e Sex Shop, Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza, Gika Voigt produz

Mídia Partner oficial

RICTV SC

Material Gráfico

Moysés Lavagnoli

Montagem e iluminação

Anézio Antônio Ramos